



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

PERSÉPOLIS: AS IDENTIDADES FEMININAS ATRAVÉS DOS REQUADROS DE MARJANE SATRAPI

Laís Medeiros Cavalcante*

1

Sobre a existência das flores não se pode levantar questionamentos; no entanto, considerá-las enquanto grupo homogêneo e deixar de perceber as características individuais de cada uma delas é também pensá-las como algo imóvel. As mulheres, tal como as flores, não podem ser pensadas homogeneamente. Ao observá-las, temos que levar em consideração a existência dos distintivos diferenciadores nos indivíduos enquanto, provenientes do lugar ao qual estão inseridos, com as nuances de todos os fatores dados e retirados da sociedade da qual se faz parte. Todas elas são possuidoras do mesmo sexo, da genitália que por muito tempo foi prisão, utilizada para lhes desenhar os espaços em que poderiam transitar, fechando-lhes horizontes, retirando-lhes a possibilidade das escolhas. Algumas inseguras, outras teatrais, cada uma, por mais ousadia que em si tivesse, assume as personagens mais cabíveis e específicas – inicialmente filha, depois o exemplo de moça para a sociedade, em seguida a esposa, mãe, avó; sempre buscando alcançar a perfeição exigida, a doçura, a delicadeza. Um molde a rodear esses sujeitos femininos, pois tudo aquilo, distinto do proposto, pelo tal, vinha na forma do errado, perigoso e profano. A partir daí, pensar a diferença como

* Bolsista CAPES do PPGH - UFCG. Email: laishitoria@yahoo.com.br

algo presente na terra parece sempre natural, visto que a mesma é habitante dos espaços, em sua totalidade.

Tenho mania de encarar os livros de duas maneiras: ora são histórias que, durante o período de leitura, se confundirão com a minha; ora enquanto dados ditos importantes para um aprendizado. Adentrar nesse universo construído em via de mão dupla, a de quem escreve e a do leitor, é sem dúvida um caminho cheio de novidades. Foi dentro de tal perspectiva que me deparei com Persépolis, história em quadrinho (HQ) escrito pela iraniana, Marjane Satrapi – a primeira em seu país a realizar uma produção desse cunho – que retrata sua visão de mundo sobre a construção da história de sua nação.

É sempre, no mínimo, muito curioso se deparar com a diferença, com o outro. Diante da leitura da obra, deparei-me com a vida em quadrinhos de uma menina que cresceu num mundo um tanto quanto oposto à minha realidade, numa distância não somente física, mas principalmente cultural. O misto de estranhamento e encantamento; o acontecimento de me encontrar diante da história de uma oriental, e através de uma HQ, dois espaços, até então, marcos do novo, do diferente.

O presente trabalho pretende, a partir da autobiografia da iraniana Marjane Satrapi, analisar de que maneira a educação tornou possível as transformações das identidades femininas no Irã, nos seus mais diversos lugares, advinda tanto da instituição escolar quanto da familiar e com significações distintas - assim como para o contato com o outro, nesse caso o outro ocidental.

PERSÉPOLIS: HISTÓRIA, GÊNERO E IDENTIDADE(S)

“Aqueles que integram o ponto de vista do outro à sua perspectiva existencial ficam conhecendo mais aspectos de si mesmos e dos outros.”

Becker

Caminhar é tarefa que proporciona um aprendizado contínuo desde o nascimento, quando ainda não se tem conhecimento ou habilidade motora para tanto, que vai sendo adquirida depois de ultrapassados os primeiros desafios. Um pé após o

outro, aquele que fica dando suporte àquele que seguiu adiante, esse tomando experiência do terreno para que se possa avançar, afinal, não se sabe o que se encontrará pelo caminho – até mesmo porque sua extensão não se apresentará de forma idêntica e o novo poderá trazer surpresas com as quais será necessário lidar.

Durante o meu percurso deparei-me inúmeras vezes com o inusitado: uma cor, uma música, alguns livros, que provocaram mudança na percepção ou na aceitação. Persépolis é uma espécie de cultura provocadora, mesmo que aparentemente produzida sem tal pretensão. Uma história em quadrinhos, atualmente muito vendida, compartilhada entre amigos que cultivam, em comum, o afeto por tais revistas, que fala sobre uma garota minimamente interessante – que, com um senso de ironia e humor ímpar, conta sobre a própria vida dentro do Irã, país em que as pessoas usam véus e se doam por causa da missão que lhes foi designada por Alá. Persépolis (figura 8) passa a ser, dessa forma, o primeiro contato desmistificador e o início de encantadoras descobertas.

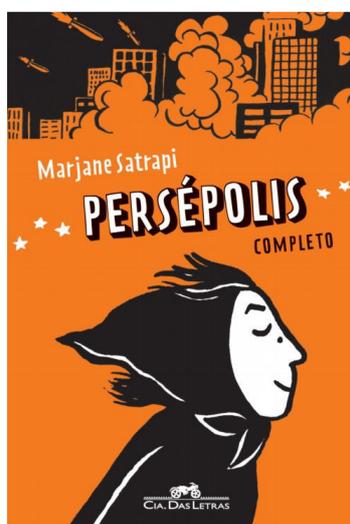


Figura 1: Capa de Persépolis

Esta história em quadrinhos, cujo título foi mencionado anteriormente, é da autoria de Marjane Ebiames¹, também autora de “*Frango com passas e Bordados*”, e começou a ser publicada na França no ano de 2002, tendo, por fim, quatro volumes que

¹ Marjane Ebiames nasceu em 22 de novembro de 1969, no Irã e foi a primeira iraniana a produzir uma HQ. Fez o ensino médio numa escola francesa na Áustria, tendo sua formação acadêmica em Comunicação Visual na cidade de Teerã. Atualmente reside em Estrasburgo na França onde trabalha como ilustradora e autora de livros infantis.

foram reunidos numa edição completa, produzida pela Companhia das Letras – o primeiro e o segundo se encarregam de relatar a infância, o terceiro se trata da experiência na Áustria e o quarto mostra o retorno e a readaptação no Irã. Trata-se de uma obra autobiográfica, responsável por tornar as diferenças entre o ocidente e o oriente bem menores do que se pode pensar – biografia e autobiografia são consideradas como um gênero híbrido por abarcar elementos característicos de diversos campos, como a literatura, a história e jornalismo. Sobre esse tema, Spiegelman, citado por Oliveira e Passos, afirma:

Os quadrinhos são um meio de expressão bastante denso. Transmitem informações muito concentradas em relativamente poucas palavras e imagens-código simples. Isso parece ser um modelo de como o cérebro formula pensamentos e lembranças. Pensamos na forma de desenhos. Os quadrinhos têm demonstrado com frequência como servem bem para contar histórias de aventuras cheias de ação ou de humor, mas a pequena escala de imagens e o caráter direto desse meio, que tem algo a ver com a escrita à mão, permitem aos quadrinhos um tipo de intimidade que também os torna surpreendentemente adequados para autobiografia. (SPIEGELMAN *apud* OIVEIRA e PASSOS, 2006, p.3)

4

O trabalho da autora Marjane Satrapi, acaba por se encaixar dentro do que se chama ‘uma escrita de si’², pois suas revistas são construídas a partir da costura das experiências da sua família. Nessa produção autorreferencial, a autora materializa as histórias, produzindo assim uma memória de si – um desejo aparente nos quadrinhos, a perpetuação e a permanência do passado familiar nos integrantes das gerações posteriores –, baseada nas histórias pessoais e de indivíduos pertencentes aos grupos de socialização da mesma. Fortes críticas são lançadas a esse tipo de produção por existir o perigo de tentar se fabricar um indivíduo contínuo e coerente³, contudo, dessa ingenuidade, Satrapi não pode ser acusada, visto que ao longo da HQ pontua, mesmo dentro da edição a que esse tipo de trabalho sofre, desde a escolha dos acontecimentos a serem narrados, as descontinuidades e rupturas determinantes na formação da sua identidade, representações formadoras do mosaico de recordações então posto.

² Talvez seja interessante ressaltar que esse tipo de escrita por muito tempo foi pouco abordada dentro da academia, figurando mais na Literatura. Ganha espaço dentro de trabalhos do campo do privado, da História das mulheres e da educação devido à produção de diários, cartas e documentos escolares, antes mais habitado pelas trabalhadoras.

³ GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História: A título de prólogo**. IN: A escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004. p. 9-24.

Para seguir com as análises da fonte escolhida, optou-se por topificar pontos – como a influência da educação e o contato com o outro, sem pretender desconsiderar os demais temas encontrados na obra – tidos enquanto essenciais na hq escolhida para o trabalho em questão, com o intuito de demonstrar assim, primeiro as construções dos papéis femininos, e conseqüentemente os masculinos, dentro da sociedade iraniana e austríaca para, logo em seguida, perceber as formas que as mulheres encontraram para ultrapassar essas fronteiras estabelecidas de acordo com os aspectos biologizantes do sexo.

EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

No decorrer de todo o quadrinho, a educação transita entre dois polos, sendo esta apresentada pela família Satrapi enquanto o único meio para a filha burlar as limitações impostas pela sociedade iraniana ao adquirir uma formação profissional que lhe traria uma independência financeira. Por outro lado, foi utilizada enquanto instrumento para legitimação da estrutura montada tanto para o funcionamento, quanto o monitoramento do Estado e das vidas dos indivíduos, mas principalmente para a produção de pessoas reprodutoras e propagadoras da moral e dos bons costumes.

A educação era direcionada para que desde os primórdios aqueles que futuramente se tornariam os homens e mulheres responsáveis por assegurar os preceitos da Revolução não tivessem o caminho corrompido. Dessa forma, a separação das crianças em escolas femininas e masculinas tornou-se logo lei, simbolizando apenas o começo da trajetória que cada um teria que percorrer, uma estrada pautada na formação sexista, baseada nos preceitos da família nuclear e respaldada em nome da fé, da religião.

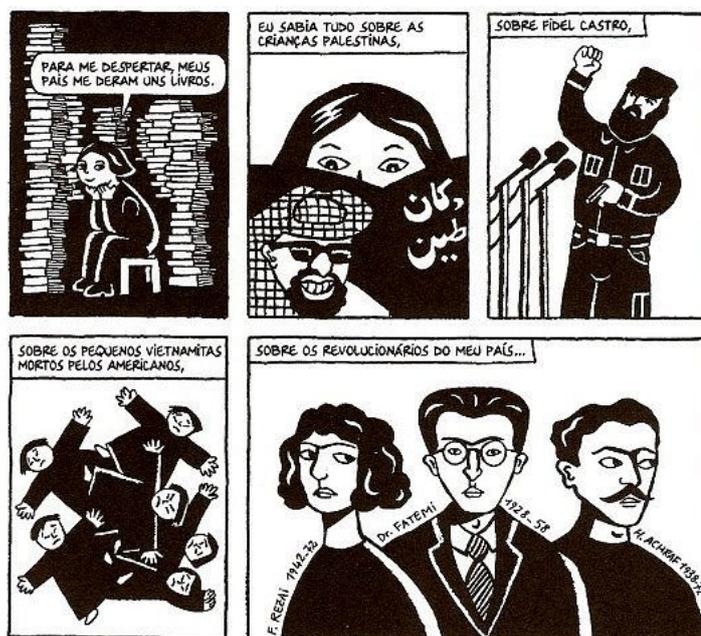


Figura 2: influências intelectuais

É importante levar em consideração a questão que a figura acima ilustra: o lugar de fala dos pais e familiares de Satrapi. Enquanto a escola trazia para os infantes informações condizentes com o que o governo islâmico desejava, os pais da menina Marjane lhe proporcionava o conhecimento de um saber laico. Oriunda de uma linhagem próxima do comunismo, ela teve contato com os mais diversos temas, como a figura pode nos mostrar – teóricos não apenas ocidentais, mas principalmente do próprio Irã. Então, a própria educação pode ser vista aqui como uma maneira de burlar a opressão que o sistema islâmico trazia aos iranianos.

A formação do indivíduo é todo o tempo marcada pela determinação das funções que cada um deveria ser apto a exercer, contudo essa divisão vai ser realizada tendo por base o binômio sexual e biológico. Dentro de tal dinâmica, como é possível observar nos quadrinhos, na faixa dos treze anos às meninas cabia tricotar capuzes para os soldados em batalha, enquanto aos meninos restava o destino do campo de guerra, pois nessa idade já não os era permitido sair do país, e o recrutamento se dava através de promessas fantásticas de um paraíso farto, onde mulheres e comida em abundância se equivaliam em prêmios pela atuação no combate. Essas ofertas eram direcionadas principalmente aos jovens das camadas sociais mais baixas, aos garotos pobres que ficavam vislumbrados diante da ideia de um céu maravilhoso.



Figura 3: educação baseada e construída no binômio sexual e biologizante.

A figura 3 retrata as transformações que o elemento estatal e religioso trouxe para o âmbito escolar. Os primeiros quadros nos levam a ver a interação existente na escola entre meninos e meninas, dentro ou fora da sala de aula e em suas mais diversas formas. Quando em 1980, com a Revolução Cultural⁴, a escola foi dividida em espaços não mais mistos. No penúltimo quadro essa questão é retratada de forma que é mostrado ao leitor a separação clara entre meninos e meninas, portanto, essa parte dos quadrinhos demonstram para além da educação pautada nos preceitos sexistas, o fim das escolas laicas então representantes do outro decadente e por fim a obrigatoriedade do uso do véu para as meninas.

Tais segmentações comportamentais estão inseridas no que Bourdieu vem chamar por separação sacralizante, tendo em vista que o sistema de dominação

⁴ A Revolução Cultural se deu no Irã na década de 1970. Antes da mesma o país era governado pelo 'Xá Mohammad Reza Pahlevi', que concentrava os comandos e ações governamentais nas mãos dos seus. Em sua gestão a desigualdade social e a pobreza tomou grande proporções o que acarretou em organização de uma oposição, formada por esquerdistas liberais e xiitas, ao Xá. Em 1979 esses assumiram o controle do governo enquanto Reza Pahlevi fugia. Então o 'aiatolá Ruhollah Khomeini' implementou uma república islâmica, baseando suas estruturas nos preceitos religiosos. Assim como o regime passado atuou de forma repressora em relação aos que fizessem oposição, como os bahá'ís, religião figurante entre as dez maiores.

androcêntrica lança mão de uma disciplina constante sobre todo o sujeito, em maior parte sobre as mulheres que vivenciam um trabalho de socialização direcionado a delimitar os espaços às mesmas – que terminam por interiorizar os elementos ensinados como constituintes do ideal de feminilidade construída. Estabelece-se um plano de educação pautado na lei da exclusão, pois as características familiares ao outro gênero são vetadas para que, assim, o produto diferenciado, no caso homem e mulher, seja gerado sem maiores problemas como a feminização de um menino.

Após anos, Satrapi retorna ao sistema educacional iraniano, ao adentrar na universidade (figura 3 e 4) e nos mesmos problemas enfrentados na infância, visto que esse espaço, ainda considerado mais aberto, solidifica e reafirma os valores da sociedade islâmica. Até mesmo o pátio de entrada tornou-se espaço de atuação das relações de forças, onde os superiores, através de inspetores(as), fiscalizavam os comportamentos. Para tanto, homens e mulheres eram separados, eles de um lado e elas de outro, no intuito de um controle maior dos corpos que, dessa forma, não correriam os riscos provocados pelo contato ou mesmo a proximidade. Assim também acontecia nas aulas, quando, não com o isolamento total dos sexos em lugares específicos para cada um, lançava-se mão de fileiras específicas nos espaços mistos. Havia lugares em que até as escadas serviam de instrumento disciplinador, visto que, ao se utilizar escadarias distintas, evitava-se o maior contato entre moças e rapazes, além de prevenir o contato visual com as nádegas femininas.



Figura 4: a divisão do espaço universitário pelo viés do sexo biológico.

Na figura 4 fica evidente que as regras impostas aos indivíduos, nesse caso mais especificamente aos estudantes, não eram apenas recebidas e executadas sem

nenhum tipo de resistência. As pessoas não se portavam enquanto meras vítimas de imposições a contra gosto, mas faziam outros usos das mesmas, como é visto no segundo quadro que após o uso de escadas específicas os caminhos culminavam num mesmo local onde o contato entre os distintos sexos acontecia.

Numa conferência intitulada “A conduta moral e religiosa”, a fim de esclarecer o caminho correto, é apresentado ao leitor, mais uma vez, o lugar posto à mulher quando o conferente se remete às presentes, chamando a atenção para o uso das calças largas, então na moda, exigindo serem mais estreitas, tornando controverso que os capuzes sejam maiores e as maquiagens entrem em desuso. Satrapi, com seu espírito feminista, questiona as demandas ali apresentadas, pois elas reforçavam a ideia de que o cuidado com o comportamento deveria ser exercido pelo público feminino – a elas cabia principalmente a constante autofiscalização para que nada estivesse fora do devido lugar e, assim, não provocasse as atitudes indecorosas masculinas. Quanto aos homens, era permitido utilizar diversos tipos de penteados e a vigilância direcionada aos mesmos era quase inexistente. Mais uma, de muitas vezes, a personagem se ergue contra essa postura adotada pelos regentes da instituição e, após ter apresentado as dificuldades que esse novo modelo requerido traria para o desempenho das estudantes de artes, é oferecida a ela a possibilidade de desenhar um novo molde, então comemorado por representar vitória e liberdade, tanto no sentido da maior mobilidade física, quanto da reconsideração ou reavaliação das críticas feitas anteriormente, na mudança da recepção geralmente dos questionamentos direcionados às autoridades político-religiosas.

É imprescindível ainda pontuar a escola, esse espaço de educação, não necessariamente formal, vivenciada também na Áustria quando Marjane se muda para tal país a fim de fugir das repressão iraniana e ainda ter a oportunidade de conseguir uma formação pensada como mais livre do que a encontrada nas escolas do Irã.



Figura 8: círculo de amigos da escola a qual Satrapi estudou na Áustria.

No colégio era parte de um grupo formado por uma austríaca, um punk, dois órfãos e um terceiro mundista, todos ilustrados na figura acima, ou seja, dentro desse meio foi vista e olhou, ora com estranhamento, ora com admiração, um espaço de convivência de diversos outros. Tal contexto foi importante para própria formulação da identidade de Marjane, que vivenciou a intolerância provocada pela religiosidade também no Ocidente, quebrando assim a imagem que a mesma, assim como muitos outros, construía: de um mundo ocidental, detentor de uma cultura livre, onde as mulheres não seriam subjulgadas pelas leis islâmicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Persépolis, para além do entretenimento, é instrumento de inspirações e aproximações no momento em que traz à tona a história intrigante de uma mulher que teve a infância e a juventude repleta de rupturas e continuidades que possibilitaram transformações não apenas em sua maneira de perceber o mundo, mas, principalmente,

na visão do leitor em relação ao oriente, a forma de ver seu país. As linhas de seus requadros⁵ ampliam o mundo aos olhos de quem os vê.

Tal obra permite a percepção das transformações ocorridas nas identidades femininas do Irã, indo além por nos trazer também as produzidas no mundo ocidental ao qual Satrapi teve acesso, tanto das mulheres de lá quanto das imagens das iranianas construídas pelos ocidentais. Os elementos promovedores dessas mudanças são muitos, contudo os aqui abordados se mostraram na fonte de forma que parecem de grande importância.

A mudança no regime político iraniano trouxe implicações diretas para as vidas das pessoas que residiam em tal país, visto que o mesmo se pautou nos preceitos islâmicos que passaram a desenhar a forma que a vida, tanto privada quanto pública, deveria ter – ao determinar, a partir do código moral do Islã, o que pensar, vestir, como se portar. A educação foi, dessa forma, um lugar onde tais implicações incidiram fortemente, visto que toda a sua organização e esquematização foi reconstruída alinhada às ideias que haviam chegado, mudando toda uma lógica antes existente.

O contanto com o outro, oportunizado pela experiência vivida obtida através da moradia num outro país em contato com uma cultura extremamente diferenciada daquela na qual foi inserida por tantos anos. Conviver com as diversas imagens de mulher existentes no ocidente trouxe a Marjane uma modificação em sua forma de enxergar o próprio país, não apenas aquilo a que se opunha, mas também o que lhe parecia correto, próximo. Ainda tratando da experiência na Áustria, cabe observar que a educação vai figurar entre os elementos importantes em tal processo, pois é na escola que Marjane vivencia seus maiores contatos e quando não, é ao menos a partir dela que esses acontecem. Nesse espaço ela conviveu com as mais diversas culturas, se pensarmos na multiplicidade em que o ocidente se apresenta, ao passo que tem contato com pessoas de outras nacionalidades além da sua e da austríaca. Persépolis tornou-se

⁵ O requadro tem função importantíssima dentro dos quadrinhos, pois, por ser o espaço onde a ação do quadrinho ocorre, é ele quem vai ordenar os cortes ou os saltos espaço/temporais e narrativos dentro da história – é nele que se encontra a intimidade entre leitor e produto, visto que, aqui, o texto passa a ser entendido de maneira inconsciente, subentendido entre os espaços de um limite para o outro, que não necessariamente se dá em formas geométricas ou dentro de quatro linhas. O enquadramento das ações vem a direcionar o campo de visão de quem irá ler, manipulando dessa forma a leitura e, conseqüentemente, as sensações por ela produzidas.

assim uma possibilidade de contato com a desnaturalização de forma ampla, pois permite a visualização e o entendimento da construção das identidades não só femininas, mas também as que são construídas em torno das nacionalidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Bruno Fernandes. **Super poderes, Malandros e Heróis: o discurso da identidade nacional nos quadrinhos brasileiros de super-heróis.** Disponível em <<http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20040706160018.pdf>>. Acesso em julho de 2011.

BARCELOS, Janice Primo. **O feminino nas histórias em quadrinhos: a mulher pelos olhos dos homens.** Disponível em <http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm>. Acesso em julho de 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: RJ. Editora Bertrand Brasil LTDA, 2010.

BOURDIEU, P. (2011) Sobre o poder simbólico. In: **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 07-15.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paulo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos.** São Paulo: Devir Livraria, 2008.

EISNER, Will. **Quadrinhos e a arte seqüencial.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, A.C. "Literatura: a fonte fecunda". In: PINSKY, C. B.; LUCA, T.R. de (org.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-91.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: A título de prólogo. IN: **A escrita de si, escrita da História.** Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004. p. 9-24.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

JENKINS, Keith. O que é a História. In. **A História repensada.** Trad. Mario Vilela. São Paulo, Contexto, 2009. P. 23-52

MAGALHÃES, Henrique. **Indigestos e sedutores: o submundo dos quadrinhos marginais.** Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/b8ef06a25820101009055857.pdf>> . Acesso em julho de 2011.

NOGUEIRA, Natania A. Silva. **Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL.**

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma *velha-nova* história >>**, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Em línea]. Disponível em : <<HTTP://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 19 de novembro de 2011.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História in. PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.) – **MASCULINO, FEMININO, PLURAL.** Florianópolis: Ed.Mulheres, 1998

SALGADO, Manoel Luiz. Escrever a história, domesticar o passado. In. LOPES, Antônio H. **História e Linguagens.** Rio de Janeiro, 7 letras, 2006, p. 45-48.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In. **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul/dez, 1990.

TODOROV, Tzvetan. “A identidade européia”. In. _____ **O Medo dos Bárbaros. Para além do choque das civilizações.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. P. 193-222(resumo)

TODOROV, Tzvetan. “As identidades coletivas”. In. _____ **O Medo dos Bárbaros. Para além do choque das civilizações.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. P.67-102 (resumo)

VERGUEIRO, Waldomiro. **As histórias em quadrinhos e seus gêneros v: os quadrinhos protagonizados por mulheres.** Disponível em <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=146>. Acesso em agosto de 2011>.